

CINEMA PARADISO

Boletim n. 370

São Paulo, 09 de novembro de 2014



Próxima Reunião: 16/11/2014 - domingo às 16 h

RELATOS SELVAGENS (Relatos Salvajes)

Direção Damián Szifron (*)

(*) Nasceu em 09/07/1975, em Buenos Aires, Argentina. Roteirista e Diretor, realizou vários curtas metragens desde 1992. Seus primeiros longas são *O fundo do mar* (2003), *Tempo de valentes* (2005) e agora *Relatos salvajes* (2014).

GRUPO KINO-OLHO, UM COLETIVO CAIPIRA

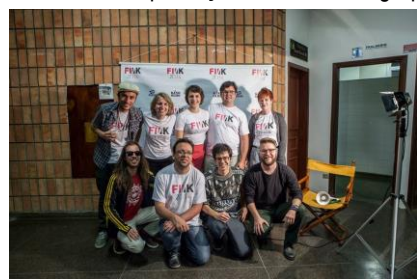
Em meados deste ano, fui convidada para ministrar um workshop sobre Cinema e Educação na cidade de Rio Claro, interior de São Paulo. Confesso que não tinha a menor ideia das atividades ligadas a cinema que rolavam naquela pequena, mas simpaticíssima, cidade. Foi tão boa minha surpresa que pedi à Fernanda Tosini, a moça que me convidou, para escrever um pequeno texto que contasse ao Cinema Paradiso sobre o coletivo que tem orgulho de ser “caipira”, o Grupo Kino-olho. Tirem suas próprias conclusões. Nada do que ela escreve é exagero (e ainda tem muito mais que vocês podem consultar no site <http://www.kinoolho.com.br>). Cláudia Mogadouro

O grupo Kino-olho foi fundado no ano de 2004, sob a coordenação do cineasta João Paulo Miranda Maria, em Rio Claro, interior de SP. João Paulo formou-se em cinema pela Estácio de Sá – Rio de Janeiro, e sempre teve a convicção de que se tornaria um cineasta, buscando um cinema engajado e consciente. Toda sua carreira é vinculada à história do Grupo Kino-olho, do qual é até hoje o coordenador.

No início, ele organizava sessões cineclubistas que eram procedidas por discussões entre os presentes. Ainda no mesmo ano de 2004, a partir da vontade de João Paulo em se tornar de fato um realizador, ele passou a também produzir filmes de curta e longa-metragem. Naturalmente, aqueles que compareciam às sessões, começaram a ter interesse em participar das produções e, desde então, já em 2014, o grupo Kino-olho mantém uma equipe que produz frequentemente.

Sempre conciliando a prática à reflexão, o grupo busca trabalhar com temas próximos à realidade, resgatando a História e a Cultura de uma determinada região, o interior paulista. A cada trabalho realizado, o Grupo vem caminhando para a criação de uma nova estética, à qual se deu o nome de “Cinema Caipira”, e que se tornou marca de seus filmes: o objetivo não é apenas alcançar o produto final (o filme pronto), mas, ao longo do curso, estimular o conhecimento e pensamento como forma de legitimar uma identidade.

Além da produção dos filmes, o grupo Kino-olho criou, no ano de



2009, a Revista registrada (ISSN 1984-896X) “Cinema Caipira”, espaço destinado aos seus integrantes e outros colaboradores – críticos, estudantes, realizadores ou cinéfilos. A revista, editada mensalmente, durou até o número 62,

quando a equipe já não conseguia mais manter este projeto. A revista já divulgou artigos de vários estados brasileiros e de alguns escritores internacionais, tornando-se referência no setor audiovisual.

Ainda em 2009, o Grupo Kino-olho, impulsionado pela vontade de conhecer as obras de outros realizadores independentes, criou um Festival de cinema. O FIIK - Festival Internacional de Cinema Independente Kino-olho tem como interesse unir e trazer a público filmes autorais que revelem novas estéticas. O Festival também promove debates entre profissionais, criando a oportunidade de por em discussão novas linguagens audiovisuais e a relação do cinema com outros temas. É um compromisso que o grupo Kino-olho tem com a formação de público. O FIIK completará em 2015 sua 7ª edição.

O Grupo Kino-olho também desenvolve o projeto “Difusão Cinematográfica”, com bases cultural e social. É voltado à formação audiovisual através de oficinas com o objetivo de ensinar técnicas básicas de produção para pessoas que estão tendo um primeiro contato com cinema, como forma de se expressar. O projeto atende a crianças, jovens e adultos, principalmente nas periferias de Rio Claro, atuando juntamente com os CRAS (Centro de Referência da Assistência Social) e com escolas públicas.

Muito além do que ensinar técnicas, o projeto visa estimular os alunos participantes a olhar para o próprio cotidiano e valorizar as histórias que os cercam; portanto, é trabalhar diretamente com a autoestima e estimular o senso crítico. Ao longo de um mês, os alunos têm que criar um roteiro, trazendo ideias próprias. Eles têm voz para se posicionarem e serem ouvidos. O roteiro não fica só no papel, ele é produzido pelos próprios alunos. O projeto é apoiado pela Prefeitura Municipal de Rio Claro, desde 2010.

Enfim, são muitas as iniciativas do Grupo Kino-olho, que certamente ultrapassam a mera satisfação artística do coletivo. É claro que cada integrante tem, sim, sua vontade particular de se realizar enquanto artista, mas esta é uma busca que traz consigo outras responsabilidades. Sobretudo, pensar cinema como uma ferramenta cultural, uma ferramenta de transformação social, uma ferramenta do conhecer e do pensar.

Fernanda Tosini (**)

(**) É formada em Letras, é integrante do Grupo Kino-olho desde 2009, atuando principalmente como roteirista e produtora cultural. Já teve aprovados diversos projetos pelo PROAC e pelo MINC, além de outros programas privados.



A VIDA NOS PREGA PEÇAS

De menor é uma expressão usada no nordeste para designar alguém menor de idade. **De menor** também é o título do primeiro filme de Caru Alves de Souza, onde estão presentes os elementos básicos do mundo do menor infrator confinado. A diretora consegue retratar, de forma delicada, o clima pesado que caracteriza processos de transgressão e reclusão penal, mesmo sem mostrar violência explícita. A violência é presente, mas sem o uso apelativo de cenas chocantes. Não há moralismo ou postura condenatória, assim como não há pieguice no olhar enxuto, realista e humano da diretora.

Na verdade, mais do que um filme sobre menores delinquentes, é um filme sobre a imprevisibilidade a que o ser humano está exposto, podendo ser derrubado a qualquer momento por um a rasteira inesperada que a vida lhe dá. É em momentos assim que somos obrigados a encarar de frente a nossa vulnerabilidade.

A protagonista Helena (Rita Batata), jovem advogada que trabalha na Vara da Infância e da Adolescência, atua como defensora pública na Febem. Assumiu o papel parental de Caio (Giovanni Gallo), seu irmão adolescente, desde que seus pais faleceram, passando a ser referência e base familiar para ele. Entretanto Helena parece não poder contar com alguém que a ampare e a proteja quando precisar. No seu trabalho, Helena mantém uma relação amistosa com os internos que nela confiam por perceberem que se trata de uma pessoa justa e tolerante, que não os julga, mas está disposta a ajudá-los na busca da retomada de um caminho que os afaste da delinquência e sejam integrados à sociedade.

Acho que a escolha do trabalho de Helena tem a ver com seu papel familiar de responsável por seu irmão órfão. Os da Febem são órfãos sociais, que tentam se virar na vida sem contar com ninguém. É como se ela procurasse exercitar e desenvolver sua capacidade de acolhimento para melhor cumprir a função familiar que a vida lhe impôs. É um trabalho que a leva a conviver com dramas pessoais, familiares e sociais onde tudo é precário. É nesse terreno minado, onde seres humanos, ainda tão jovens, são expostos a tantas experiências negativas, que Helena atua. É um embate inglório, com poucas chances de um final feliz, raramente promovendo satisfação e realização profissional. Lembro-me agora da experiência de trabalho que tive, logo que me formei, quando fui contratada como psicóloga no antigo Juizado de Menores (hoje Febem). A equipe mostrada no filme é uma equipe jurídica: promotor, defensor e juiz (Caco Ciocler). A minha era uma equipe ligada à saúde: psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais. Como Helena, nos empenhávamos em ganhar a confiança e acolher aqueles meninos tão desamparados. Estudávamos cada caso e, nas reuniões de equipe, cada técnico apresentava seu relatório. Chegávamos a um diagnóstico e a uma indicação pertinente. Mas sempre esbarrávamos na última etapa (o encaminhamento) por falta quase absoluta de meios disponíveis. Por exemplo: "Devolver o menor à família, com orientação". A que família, se a maioria era desestruturada? "Acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico". Quem faria? "Internação em instituição especializada" Aonde? As poucas existentes não tinham vaga e havia fila de espera. Entendíamos o caso, sabíamos a melhor indicação para tentar minimizar os danos, mas as vias de encaminhamento estavam

obstruídas na maioria das vezes. Foi um período de minha vida profissional que me trouxe muita angústia e sentimento de impotência. Eu era jovem e tinha a ilusão de querer mudar o mundo. Percebia nas entrevistas com os meninos, que o ambiente confinado onde eles viviam em nada era diferente dos presídios: sofriam agressões e maus tratos e se aperfeiçoavam nas práticas criminosas. Veio à minha memória uma curadora (não sei bem se essa era a denominação do seu cargo) que dizia pra quem quisesse ouvir, que os internos só serviam para serem transformados em sabão, se dependesse dela. Havia fugas e rebeliões tanto no Recolhimento Provisório de Menores masculino (onde eu trabalhava) como no feminino. Percebi que as meninas eram muito mais agressivas nas suas manifestações de revolta do que os meninos, e entendi que isso acontecia porque o nível de repressão histórica à mulher era mais intenso. E a gente sabe que quanto mais repressão, maior a força do estouro. Não consegui ficar muito tempo no Juizado de Menores e decidi aceitar uma proposta de trabalho que me traria mais satisfação profissional.

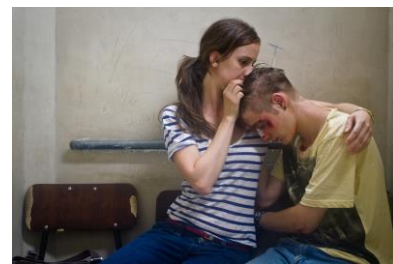
No filme, Helena e Caio parecem ter um bom relacionamento, onde a vida transcorre como se tudo estivesse sob controle. Mas um fato vem abalar aquela aparente quietude: Caio é preso por ter cometido um ato delinqual.

A partir dessa peça que a vida prega a Helena, o filme deixa claro que nem sempre somos os pilotos na condução do rumo que traçamos. Quando recebemos uma rasteira da vida tomamos contato com o imponderável e com nossas limitações. A quebra das certezas nos pega de surpresa. Devíamos aprender com a Ciência, que nos ensina que não existem regras imutáveis na natureza, nem certezas absolutas, mas apenas probabilidades que podem ou não serem evidenciadas. Na nossa vida também existe o imprevisível sob o aparente equilíbrio. Mas nós só nos damos conta dele quando a rasteira nos derruba. Quando o imprevisível aconteceu com Helena houve uma ruptura no seu mundo. Seu irmão/filho era agora mais um interno da Febem. Enfrentar essa nova realidade tão cruel passa a ser um desafio para essa mulher agora fragilizada. Seu sofrimento não é verbalizado - o filme, aliás, tem poucos diálogos - mas ele fica evidente, sobretudo na bela cena final, onde Helena, nua numa banheira, quase em posição fetal, é a expressão do desamparo.

O filme tem outro mérito: não deixar claro o rumo dos acontecimentos futuros, solicitando ao espectador que seja cúmplice da direção na escolha do desfecho.

De menor é um bom filme, não só pelo ótimo desempenho dos atores e pela delicadeza com que a diretora trata de um tema tão duro, mas também porque é um filme que faz a gente pensar. Gosto de filmes assim. Parabéns a Caru!

Rianete Lopes Botelho



FUNDO FINANCEIRO DO GRUPO CINEMA PARADISO

A doação voluntária, para as despesas anuais pode ser feita em qualquer valor, mas pedimos que, ao depositar, nos avise no e-mail: estherstiel12@gmail.com A conta de poupança é: Banco: Caixa (104), ag. 0239, op. 013, nº da conta 8247-5

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma / Marcos Paulino
E-mail: claudia.mogadouro@gmail.com

COTAÇÃO 2014

O Menino e o Mundo	9,50
O Melhor Lance	9,38
O Último Concerto	9,36
O Pequeno Fugitivo	9,18
Mais um Ano	9,14
Ela	9,13
A Grande Beleza	8,93
Getúlio	8,70
O Mercado de Notícias	8,63
12 Anos de Escravidão	8,60